

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

LITTERATURA & ECOLOGIA. PARA UMA ECOPOÉTICA¹

Nathalie Blanc, Denis Chartier, Thomas Pugbe

Nathalie Blanc é investigadora na área da geografia urbana no laboratório Ladys (Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces/Laboratório Dinâmicas Sociais e Reconstituição dos Espaços), do CNRS, e é responsável da equipa “O meio-ambiente, na direção a um novo paradigma?”. É autora de *Les animaux et la ville*. (O. Jacob, 2000), *Vers une esthétique environnementale* (Quae, 2008), *Ecoplasties. Art et environnement*, com Julie Ramos (Manuella, 2010), *Nouvelles esthétiques urbaines* (Colin, 2012), *Les formes de l’environnement. Manifeste pour une esthétique politique* (Métiss Press, 2016), *Form, art, and environment: engaging in sustainability* (Routledge, 2016), *Pour la recherche urbaine*, com Félix Adisson e Sabine Barles (CNRS Éditions, 2020). No seu anseio de querer contribuir para a preservação do meio-ambiente, tem participado ativamente em programas nacionais e internacionais, mas foram as suas preocupações em matéria de poética ecológica que conduziram à implementação de dispositivos de inovação

¹ “Littérature & écologie: vers une écopoétique”, (2008). In *Écologie & politique*, n.º 36 pp. 15-28.

social, que foram levados a cabo por equipas arte-ciência de diferentes territórios europeus.

Denis Cartier dedica a sua investigação ao desenvolvimento de práticas “alternativas” na resolução de problemas ambientais, tais como os modos de produção agroecológicos ou a implementação de reservas extrativistas ou o desenvolvimento sustentável. É autor do artigo “Le sacré, enjeu politique” (Sorbonne Université Presses, 2019).

Thomas Pughe é professor na Universidade de Orléans. O seu domínio de investigação é a literatura contemporânea, principalmente no que concerne às relações entre literatura e meio ambiente. É, por exemplo, autor de “Poetics and politics of place in pastoral”, com Bénédicte Chorier-Fryd e C. Holdefer (Peter Lang, 2015), de “Introduction: pastoral and/as the ‘ecological work’ of language” (Special Issue: Pastoral, 2016) e de *Recherche et transmission des cultures étrangères. Quelle unité dans l’université d’aujourd’hui ?* com Karin Fischer, Claire Decobert, Mathieu Donzom (Presses Universitaires de Rennes, 2020).

O presente excerto foi retirado do *dossier* “Littérature & écologie: vers une éco-poétique”, da autoria destes três autores, do volume de artigos intitulado *Écologie & politique*, n.º 36, de 2008, p. 15 à 28. Neste texto, os três autores, Nathalie Blanc, Denis Chartier et Thomas Pughe uniram-se para questionar as ligações existentes entre a consciência do meio ambiente e a estética literária. Partindo de uma abordagem ecológica da literatura, situada entre a crítica literária e os estudos culturais (*cultural studies*), a ecocrítica, os autores lançam desafios à volta do seguinte questionamento: “Em que termos a estética literária é uma eco-logia”.

[...] A literatura não recria a natureza. Em contrapartida, ela reinventa constantemente, pelo trabalho da escrita, as interações entre o homem e a natureza, e as representações que o homem tem da natureza.

E a abordagem mais formal do “trabalho ecológico” nos textos literários pode ser baseada nesta última premissa, que põe em destaque, não a imitação da natureza não humana, mas antes a renovação, quiçá a convulsão, da nossa forma de a apreender. O que é então visado é um trabalho sobre a percepção através da língua e da forma estética, trabalho esse que permite ao leitor ver de forma diferente e reconhecer as normas e os valores que moldam o seu meio ambiente. Jonathan Skinner, editor da revista de poesia *Ecopoetics*, sublinha assim a relação entre a criatividade estética e a percepção: “*Enquanto a nossa percepção do mundo natural continua a aprimorar-se (ou a permanecer no esquecimento), parece que as complexidades da poesia contemporânea poderiam, afinal, ser úteis no alargamento e desenvolvimento dessa percepção*”². Não se pretende, porém, apresentar uma imagem “verdadeira” ou “pura” da natureza, imagem essa fundada na exclusão ilusória da mediação humana, mas antes reinventar e complexificar os meios da representação. O valor ecológico de um texto literário não dependeria exclusivamente da questão temática ou da questão da escolha genérica, mas antes de mais da questão da escrita, isto é, da estética e da imaginação, que representam os critérios específicos da atividade artística. Segundo Skinner, o texto ecológico está “*consciente da capacidade de diferenciação dos seus próprios recursos*”³ e é, então, através desse trabalho sobre os meios linguísticos – por exemplo sobre figuras como a metáfora, que evocam uma analogia entre natureza não humana e natureza humana – que ele interpela o leitor. Como o afirma ainda Skinner: “*Imaginar espécies colocadas em perigo é um ato de linguagem útil; a escrita que descentraliza suficientemente as configurações habituais, para ver quem se encontra em perigo, poderia ter mais utilidade*”⁴. O conceito de *descentramento* – descentramento,

² J. Skinner, *Ecopoetics*, n. ° 1, 2001, p. 5.

³ *Ibid.*, p. 6.

⁴ J. Skinner, *Ecopoetics*, n. ° 3, 2003, s. p.

por exemplo, de um pensamento demasiado antropocêntrico – parece, efetivamente, aproximar-se da essência do trabalho ecológico da literatura, na medida em que ele não confina este último a um determinado período, um certo estilo, uma certa temática, mas põe em destaque a necessidade de reinventar continuamente as formas pelas quais a natureza humana se inscreve na natureza não humana.

Os desafios de uma estética literária eco-lógica

Coloca-se então a questão da estratégia da implementação de uma estética ecológica que não diga somente respeito à literatura, à poesia ou às artes plásticas, mas, mais globalmente, à rearticulação natureza/cultura, ancorada nomeadamente na ou nas culturas populares. Talvez tenha de passar por um esforço de descentramento. Como é que se pode, então, imaginar e desenvolver este conceito? Quais são os desafios?

O primeiro desafio prende-se com a ideia de autor, o pensamento do artista genial, do emissor poderoso e, portanto, da impessoalidade da prática artística, na sua ligação com o meio ambiente. Toda a poética do século XX se inclinou para a impessoalização, jogando a “materização” da poesia a seu favor, pois ao tornar-se signo ou som, a poesia perdia o seu autor... Aconteceu o mesmo, por assim dizer, com o surrealismo e muitos outros movimentos artísticos (Dada, *land art*, *performance*, etc., que procuraram, de uma forma ou de outra, inscrever o registo da sua prática no universo do mundo). Todavia, e apesar desses avanços, o artista *star* é hoje mais do que nunca uma figura importante das nossas sociedades contemporâneas. Deve-se, então, concluir que a singularização das práticas artísticas (e, eventualmente, a sua ‘starificação’) é o reverso da medalha de uma desmultiplicação (ou de uma democratização) destas últimas no espaço público? Deve-se, porventura, inferir, paradoxalmente, que

essa desmultiplicação é sinónimo de uma perda de originalidade (ou de singularidade) do ofício de artista, desempenhando o artista, finalmente, pelas suas práticas textuais, sonoras, literárias, um papel de acompanhamento de políticas sociais ou de ordenamento? Como se poderia voltar a introduzir uma tensão capaz de conduzir a mais descentramento? O segundo desafio, igualmente delicado e ambíguo, prende-se com uma reforma das práticas que tendem a dar à natureza um estatuto de objeto afastado do sujeito. Este último afirmar-se-ia em rutura com a natureza e seria, portanto, seu autor; no entanto, a humanidade parece não estar em condições de se livrar do que a incomoda, quer se trate dos seus vínculos ao lugar, irremediavelmente materiais, quer se trate do papel das narrativas (e da imaginação) na prática dos lugares. O terceiro desafio consiste em reconhecer a sensibilidade como o carácter transformador do espaço. Poder-se-ia relevar, nestas palavras, a ideia de mudar a perceção do espaço, mas correr-se-ia o risco de permitir que o espaço mantivesse o seu estatuto de objeto. Na verdade, pretende-se antes fazer com que o espaço se torne sensível na sua naturalidade, isto é, permitir que este último se inscreva na continuidade das sociedades humanas. O último desafio tem intenção de voltar a dar à sensibilidade o seu papel social e político, a fim de criticar operações cujo objetivo é tornar os lugares e os espaços anedóticos, enquanto simples suportes de operações técnicas. Neste caso, politizar o debate quer simplesmente dizer consciencializar para o facto de que as escolhas em matéria de criação dos mundos existem, não se tratando apenas de técnicas mas, mais profundamente, de imaginação... Trata-se de dar conta da matéria viva do mundo!

Nesta fase, é importante que se desenhem pistas que permitam ancorar a reinvenção da natureza na cultura. Quais são as pistas, de um ponto de vista literário e, mais globalmente, de um ponto de vista estético, dizendo a estética respeito às práticas quer poética, literária, quer plástica ou sonora? Convém salientar que se trataria de uma

prática poética que corresponderia a uma saída dos quadros académicos correntes, correspondente à de um texto em destaque numa página em branco ou no quadro de um museu; é uma prática que já existe, e que prolifera devido à multiplicidade dos media que ela utiliza ou às experiências que ela desenvolve. Esta criação proliferativa é o resultado de uma mistura de oportunidades, de encontros e de singularidades individuais reconduzidas no espaço-tempo. Não se trata, então, de uma recusa de concentração, mas de uma ação decalcada sobre desafios contemporâneos múltiplos, complexos, sobreabundantes, à imagem dessas comunidades – comunidades numéricas, religiosas, locais, de jogos, de partilhas de informações, etc., e que representam, simultaneamente, potencialidades, em matéria de aprendizagem de novos mundos, e bloqueios, uma vez que elas obedecem a códigos que podem ser confrangedores e tornarem-se quadros coercivos do pensamento – que tão depressa se fazem como desfazem... Esta estética tem, pois, a ver com a atividade política, pelo facto de não pôr só em prática a ideia de um viver em grupo, mas também a de um fazer em grupo, ou a de um fazer pelo viver; uma estética pragmática, pelo facto de ela se iniciar dentro e para o trabalho, no ato de trazer recursos de volta, de os fazer agir, de, num contexto determinado, lhes dar sentido e corpo, para um beneficiário que se encarregará de reinventar o que viu, soube e ouviu...”

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

MARIA EUGÉNIA PEREIRA

Universidade de Aveiro